

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
INSTITUTO AGGEU MAGALHÃES
DEPARTAMENTO DE SAÚDE COLETIVA
RESIDÊNCIA MULTIPROFISSIONAL EM SAÚDE COLETIVA

SABRINA ROBERTA VITORINO SANTIAGO

USO DAS PLANTAS MEDICINAIS POR RAIZEIROS DA CAATINGA

RECIFE

2018

SABRINA ROBERTA VITORINO SANTIAGO

USO DAS PLANTAS MEDICINAIS POR RAIZEIROS DA CAATINGA

Monografia apresentada ao curso de Residência Multiprofissional em Saúde Coletiva do Departamento de Saúde Coletiva, Instituto Aggeu Magalhães, da Fundação Oswaldo Cruz para a obtenção do título de especialista em saúde coletiva.

ORIENTADORA:

Prof.^a Dr.^a Islândia Maria Carvalho de Sousa

RECIFE – PE

2018

Catálogo na fonte: Biblioteca do Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães

S235u Santiago, Sabrina Roberta Vitorino.
Uso das plantas medicinais por raizeiros da caatinga / Sabrina Roberta Vitorino Santiago. - Recife: [s.n.], 2018.
26 p.; 30 cm.

Monografia (Programa de Residência Multiprofissional em Saúde Coletiva) - Departamento de Saúde Coletiva, Instituto Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz, Recife, 2018.

Orientadora: Islândia Maria Carvalho de Sousa.

1. Plantas Medicinais. 2. Medicina tradicional. 3. Raízes de plantas. 4. Zona semiárida. I. Sousa, Islândia Maria Carvalho de. II. Título.

CDU 614.39

SABRINA ROBERTA VITORINO SANTIAGO

USO DAS PLANTAS MEDICINAIS POR RAIZEIROS DA CAATINGA

Monografia apresentada ao curso de Residência Multiprofissional em Saúde Coletiva do Departamento em Saúde Coletiva, Instituto Aggeu Magalhães, da Fundação Oswaldo Cruz, para obtenção do título de especialista em saúde coletiva.

Aprovado em: 03/05/2018

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Islândia Maria Carvalho de Sousa
Instituto Aggeu Magalhães – IAM/Fiocruz

Prof.^a Dr.^a Camila Pimentel Lopes de Melo
Instituto Aggeu Magalhães – IAM/Fiocruz

Prof.^a Dr.^a Maria Ilk Nunes de Albuquerque
Universidade Federal de Pernambuco

USO DAS PLANTAS MEDICINAIS POR RAIZEIROS DA CAATINGA

USE OF MEDICINAL PLANTS BY CAATINGA ROOTS

Sabrina Roberta Vitorino Santiago¹

Islândia Maria Carvalho de Sousa¹

Francisco Jaime Rodrigues de Lima Filho¹

Sonycleyde Sinara Feliciano de Almeida¹

Marcus Vinícius Moreira Barros¹

⁽¹⁾ Instituto Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz

Sabrina Santiago: Rua Marechal Manoel Luis Osório N° 276, Apt 102, Várzea, Recife – Pernambuco – Brasil, 50740-450.
Telefone: 81 99654-0110

Artigo submetido para publicação no Livro Temático “Práticas integrativas e complementares em saúde: saberes para integralidade”.

RESUMO

O uso das plantas medicinais é uma forma de cuidado da medicina popular, carregada de aspectos sociais e culturais, resistindo fortemente na caatinga do nordeste brasileiro. Este trabalho objetivou descrever o uso das plantas medicinais por raizeiros e raizeiras da caatinga, participantes do I e II Encontro de Saberes e Práticas da Caatinga, realizados em janeiro dos anos de 2017 e 2018 na Chapada do Araripe. Participaram dos Encontros raizeiros (as), benzedeiros (as) e parteiras, residentes de vários municípios da Chapada e ouvintes vindos de todo país e de outros países. Estudo descritivo a partir de dados qualitativos da observação participante e análise de documentos para coleta e análise dos dados. As informações foram categorizadas *a priori* considerando a revisão de literatura. Foram citadas mais de 100 plantas, usadas para diversos problemas de saúde. As partes da planta mais usada foram as cascas do caule e as folhas. Usavam mais em formas de chás, lambedores e garrafadas. Na experiência com o uso da planta, o saber era passado por familiares e a partir da experiência empírica dos próprios raizeiros com o uso das plantas. A experiência é passada para quem se interessar. As indicações terapêuticas eram as mais diversas, permeadas por crenças e valores, assim como o cuidado, preparo e uso das plantas. A medicina popular por meio do uso das plantas medicinais por raizeiras e raizeiros da caatinga do nordeste brasileiro é uma prática que se mantém firme, estando presente no cotidiano e na cultura das diversas comunidades do campo e urbanas.

Palavras Chave: plantas medicinais, medicina tradicional, raízes de plantas, zona semiárida.

ABSTRACT

This work aimed to describe the use of medicinal plants by raizeiros and raizeiras of the caatinga, participants of the I and II Meeting of Knowledge and Practices of the Caatinga, held in January 2017 and 2018 in the Chapada do Araripe. The use of medicinal plants is a form of care of popular medicine, loaded with social and cultural aspects, resisting strongly in the caatinga of the Brazilian northeast. Participating in the Meetings were raizeiros (as), benzedeiros (midwives) and midwives, residents of several Chapada municipalities and listeners from all over the country and from other countries. Qualitative descriptive study based on participant observation and analysis of documents for data collection and analysis. The information was categorized *a priori* considering the literature review. More than 100 plants were cited, used for various health problems. The parts of the most used plant were the stem bark and the leaves. They used more in forms of teas, lickers and bottles. In the experience with the use of the plant, the knowledge was passed by relatives and from the empirical experience of the own raizeiros with the use of the plants. The experience is passed on to anyone who is interested. The therapeutic indications were the most diverse, permeated by beliefs and values, as well as the care, preparation and use of plants.

Key Words: medicinal plants, traditional medicine, plant roots, semi-arid zone.

INTRODUÇÃO

As práticas conhecidas como medicina popular estiveram e estão presentes durante toda a história da humanidade, resultantes da integração de diversos saberes oriundos das culturais indígenas, européias e africanas (ALVES e CAES, 2015; GUTIERREZ, 2015; OLIVEIRA, 2012; ATTUCH, 2006). As pessoas praticantes deste tipo de medicina, são conhecidas como curandeiros, erveiros, benzedeiros, raizeiros, pais e mães de santo, agentes ou terapeutas populares, entre outras nomenclaturas. Pode-se compreender essas práticas como um conjunto de saberes e um saber-fazer a respeito do mundo natural e sobrenatural, transmitido oralmente, de geração em geração (CAMARGO, 2011).

A medicina popular além de ser utilizada em vários rituais de cura, caracteriza-se também pela utilização de ervas e plantas medicinais nos cuidados com o corpo, ligadas à simbologia de crenças religiosas e espiritualidade (OLIVEIRA, 2012).

O uso das plantas medicinais é praticado por várias populações e comunidades (COSTA e MARINHO, 2016; SOUZA e RODRIGUES, 2016) e mesmo diante das mudanças que vem passando resiste fortemente no nordeste brasileiro, principalmente a partir dos raizeiros (SILVA, 2015a; SILVA, et al., 2015) no bioma da caatinga, forte espaço congregador e sugestivo deste tipo de saber - a despeito do modo de vida dos sertanejos e sua relação com a natureza.

Tendo em vista as diferentes denominações existentes, os raizeiros serão considerados neste estudo como pessoas responsáveis por práticas de cura cuja identidade e representação se encontra nas realidades culturais de populações que resistem as mudanças sociais e econômicas. Marcados pela utilização dos “remédios da terra” os raizeiros tem seus conhecimentos passados de geração em geração por meio da oralidade e da experiência empírica (OLIVEIRA, 1985).

Raizeiros e raizeiras são pessoas que geralmente sobrevivem comercializando plantas medicinais, apresentam conhecimentos empíricos para identificar, coletar, preparar e indicar vegetais, como forma de tratamento para algum mal ou enfermidade, sendo pessoas de elevado respeito onde vivem (SILVA, 2010a; OLIVEIRA, 1985).

Sendo assim, esse trabalho parte do pressuposto de que os raizeiros e raizeiras encontram nas plantas um modo de cuidado presente no cotidiano popular e representa uma resistência política e cultural. Além disso, investigar este cenário pode contribuir para o conhecimento da diversidade e do universo cultural que permeia o uso das plantas no cuidado em saúde, bem como apontar a importância da valorização e reconhecimento da medicina

popular, considerando ser um modo legítimo de cuidado e concepção integral da saúde, auxiliando no enfrentamento das doenças.

Neste sentido, é importante compreender como são utilizadas as plantas medicinais da caatinga e quem são os raizeiros e raizeiras responsáveis por esse processo social e cultural e de cuidado a saúde que resiste no território. Deste modo, este trabalho objetivou analisar como se dá o processo de uso das plantas medicinais no cuidado a saúde por raizeiros e raizeiras da caatinga, participantes do I e II Encontro de Saberes e Práticas da Caatinga na Chapada do Araripe/PE.

REFERENCIAL TEÓRICO

Historicamente vários fatores contribuíram na busca da população pelos processos de cura popular, a saber, na década de 70 quando ainda não havia um sistema de saúde consolidado no país (LOYOLA, 1984), o difícil acesso aos serviços de saúde, o diálogo hierarquizado entre médico-paciente, bem como as dificuldades financeiras no acesso ao consumo de medicamentos (OLIVEIRA, 1985; GAIA, 2005). Além disso, a cultura que se processa e se vive nas comunidades, é outro grande motivo e talvez o mais importante pela busca por esse tipo de cuidado (COELHO, 2013; OLIVEIRA 2012; ALMEIDA, 2010). Tudo isso contribuiu sistematicamente para a procura e valorização do saber popular para o cuidado ou cura sobre o processo do adoecimento (ALMEIDA, 2015; GUTIERREZ, 2015; CUNHA, 2013; CARVALHO, 2003).

Contudo, as mudanças externas à dinâmica social dessas populações podem estar levando a uma diminuição e até mesmo perda desses conhecimentos, principalmente aos relacionados com as plantas medicinais, como o maior acesso à medicina ocidental e a instituições de saúde, o acesso a medicamentos químicos com o crescente avanço da indústria farmacêutica (SILVA, MARINI e MELO, 2015) e o maior contato com os centros urbanos (SILVA, et al., 2015; CIMBLERIS, 2007).

Por outro lado, em estudo também desenvolvido na Chapada do Araripe, verificou-se a coexistência do modelo de atenção à saúde biomédico com a utilização de práticas populares de cuidado, como o uso de plantas medicinais. Essa realidade se justifica em parte pelas características históricas, sociais, culturais, demográficas e naturais da região, permitindo a manutenção dessas tradições ao longo dos anos (ZANK e HANAZAK, 2017).

Mais do que alternativa à dificuldade de acesso ao sistema oficial de saúde, a medicina popular por meio do uso de plantas medicinais deve ser vista a partir de outra perspectiva,

“aquela de promoção da autonomia dos agentes sobre sua saúde, por meio do empoderamento destes com a difusão das técnicas que na verdade vieram do próprio povo e foram ressignificadas no meio científico” (CIMBLERIS, 2007 p. 16).

Ainda nesse sentido, percebe-se que esses indivíduos possuem uma visão integral e ampla da saúde, acreditando que inúmeros fatores podem influenciá-la, como a espiritualidade, o cuidado com o corpo e a mente, o meio ambiente e sistemas formais de cura e cuidado. Esses agentes de cuidado por utilizarem dos recursos naturais para a produção de seus remédios, apontam a necessidade de preservação de tais recursos, indicando como fatores determinantes para a manutenção da saúde humana as condições climáticas, a qualidade da água e do ar, a recreação, os recursos medicinais e alimentícios (ZANK, et al., 2015).

Os raizeiros são responsáveis por práticas de cura cuja identidade e representação se encontra nas realidades culturais de populações que resistem as mudanças sociais e econômicas. Marcados pela utilização dos “remédios da terra” os raizeiros tem seus conhecimentos passados de geração em geração por meio da oralidade e da experiência empírica (OLIVEIRA, 1985).

O uso de plantas medicinais é uma importante ferramenta de resgate de saberes tradicionais das populações, além de fortalecer o desenvolvimento local (SALES, SARTOR e GENTILLI, 2015), favorece a obtenção de cura. Forte e resistente, os saberes tradicionais sobrevivem mesmo com a presença do preconceito, pois valoriza os indivíduos em todas as suas dimensões e constitui como uma intervenção menos invasiva, tanto para a parte física do corpo, como para a vida emocional e espiritual (ALVES e CAES, 2015). Atualmente o uso de plantas medicinais é uma prática de tratamento alternativo ou complementar largamente difundido, compondo uma prática fundamental para o cuidado integral à saúde (REIS, 2018).

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo, com abordagem qualitativa por meio da análise de documentos produzidos nos Encontros de Saberes e Práticas da Caatinga, realizados na Chácara Paraíso da Serra, localizada na Chapada do Araripe-Exu-PE, região limite entre os estados de Pernambuco, Ceará e Piauí. A caatinga ocupa mais de 11% do território brasileiro e está comumente associada ao fornecimento de recursos e produtos da naturais (SILVA e FREIRE, 2010), além de ser um bioma caracterizado por grande heterogeneidade vegetal e composição florística (ALMEIDA, et al., 2006).

Faz parte de um dos biomas da Chapada do Araripe, região que congrega 103 municípios de 3 estados brasileiros – Ceará, Pernambuco e Piauí (Brasil, s/a). Além da beleza singular, a Chapada do Araripe forma uma das regiões de maior originalidade cultural do Brasil, com destaque para o folclore e as tradições, a religiosidade popular, o artesanato e a gastronomia (GURGEL, 2017).

Os dados foram coletados a partir dos documentos pertencentes ao banco de dados dos Encontros, construídos pela Rede de Agricultores Experimentadores do Araripe. Essa fonte de dados possui relatórios, fotos, vídeos e gravações das rodas de conversa realizadas com os atores que protagonizaram o enfoque do evento, dentre eles rezadores e rezadeiras, raizeiros (as) e parteiras. Para realização do presente estudo foram analisados os relatórios e as transcrições das gravações referentes as rodas de conversa entre os raizeiros e raizeiras, além da análise de relatórios e diários de campo.

Na análise dos documentos foram selecionados os dados relevantes e fidedignos e que estavam completos e sem rasuras, conforme proposto por Gil (2009). Após a seleção dos documentos foi realizada análise do conteúdo: a) leitura intensiva do material (diário de campo e relatórios); b) codificação do material; c) categorização construída a priori considerando a revisão de literatura; d) revisão das categorias e a inserção de novas.

O presente estudo faz parte de uma pesquisa maior intitulada “Saberes e cuidados na Chapada do Araripe e sua inter-relação com o Modelo de Saúde”, tendo sido aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisas sob o número de parecer 2.889.435. O banco de dados foi liberado a partir de uma carta de anuência assinada pelos organizadores do evento. Para respeitar o anonimato dos participantes do estudo, os mesmos foram identificados como raizeiros/raizeiras, seguidos de um número que identifica a ordem das falas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Encontro Saberes e Práticas da Caatinga

Os Encontros foram realizados pela Rede de Agricultores Experimentadores da Caatinga, a ONG Caatinga Semeando Vida no Semiárido, a Fiocruz – PE e o Instituto Chico Mendes (ICMBio) e aconteceram inspirados nas práticas populares de cura - a medicina popular - buscando preservar essas práticas e saberes, enraizados na caatinga, território presente em todo semiárido nordestino, espaço vivo e dinâmico, onde a relação entre os raizeiros e raizeiras e a natureza é forte e presente em seus cotidianos.

O I Encontro de Saberes e Práticas da Caatinga ocorreu entre os dias 20 a 22 de janeiro de 2017 e o II Encontro entre os dias 26 a 28 de janeiro de 2018. Participaram dos encontros raizeiros e raizeiras, benzedeiros e benzedeadas e parteiras de alguns municípios dos estados de Pernambuco (Ouricuri, Bodocó, Araripina, Granito, Exu, Ipubi, Petrolina) e Ceará (Crato, Juazeiro do Norte, Missão Velha).

Durante os três dias de cada encontro, os grupos (parteiras, benzedeiros (as) e raizeiros (as)) se dividiam e contavam com um facilitador responsável por orientar as dinâmicas e atividades, sendo possível observar solidariedade e troca de conhecimento. A dinâmica da roda dos raizeiros e raizeiras foi facilitada com uso de um bastão que era passado nas mãos de cada um, indicando sua vez de falar. O facilitador da roda também era raizeiro, o que ajudava a organização e respeito ao momento de fala de cada um.

Todos os raizeiros e raizeiras foram convidados e convidadas para falar sobre sua experiência com o uso da planta, desde sua coleta, formas de uso, até seu preparo e indicações. No primeiro Encontro o objetivo foi cada raizeiro escolher uma planta específica e falar sobre ela e os demais complementavam a informação, no segundo Encontro o foco foi discutir os problemas de saúde e experiências de cura.

Participaram dos Encontros 37 raizeiros, 26 mulheres e 11 homens. Observamos que 70% dos participantes eram mulheres, podendo justificar-se por aspectos culturais onde ainda, grande parte das mulheres que vivem no campo permanecem em casa, cuidando das hortas e plantações (SILVA, et al., 2015; OLIVEIRA, 2012; MARINHO, SILVA e ANDRADE, 2011;). As mulheres são importantes agentes de cuidado, e conseqüentemente são em maior número que os homens na tradição do uso das plantas medicinais.

A seguir são apresentadas as categorias que especificam a relação existente entre os (as) raizeiros (as) e o uso de plantas medicinais dessa região.

Experiência com o uso das plantas medicinais

Os relatórios apontam que foram citadas mais de 100 plantas medicinais, entre espécies nativas (plantas da região) e exóticas (provenientes de outras regiões). Observou-se que a parte da planta mais usada foi a casca (48%), seguida da folha (22%), da raiz (17%), semente (8%) e flor (5%). Como formas de uso, o chá apresentou maior número de citações (45%), em seguida estão o lambedor (23,5%), a garrafada (17%), óleo (8%), tintura (5%), pomada e sumo, ambas com (1%). Sobre as funções do organismo foram apontadas plantas com poder de cura para os sistemas digestório, respiratório, ósseo, nervoso e endócrino.

Quando o assunto foi a doença em si, houve um grande número de enfermidades discutidas, tais como depressão, insônia, ansiedade e até as de difícil cura.

Pesquisa realizada em uma capital nordestina (NASCIMENTO, et al., 2016) mostrou que a casca do caule foi a parte da planta mais citada (96,15%). Outros estudos mostraram que a folha foi a parte da planta mais usada, seguida das cascas do caule (COSTA e MARINHO, 2016) e raízes e cascas (SILVA, et al., 2015). O chá também foi a principal forma de uso (COSTA e MARINHO, 2016; SILVA, et al., 2015; BAPTISTEL, 2014).

A maioria dos raizeiros e raizeiras tem experiências diversas seja no cuidado ou cura a si próprio ou de familiares, amigos e vizinhos:

“...Eu já tava há bastante dias sem dormir... eu disse meu Deus do céu, num quero tomar remédio controlado pra dormir... ô Deus me mostre um remédio popular, caseiro pra que eu tome pra eu ficar bom pra não tomar remédio controlado...” (Raizeiro 12).

“Resolvía os problemas de saúde dos meus filhos com as plantas. Aprendi observando e praticando... ah com os cursos também” (Raizeira 2).

Quando analisamos em que momento essas experiências se iniciaram, identificamos que parte delas começaram na infância ou por observação e/ou experimentação:

“Ah meu despertar se deu desde criança por curiosidade (até hoje) ... eu observava minha mãe usando as plantas. Minha mãe dizia para que servia cada planta... Eu morava no sítio e sempre via minhas tias tomando muitos chás. Quando criança brincava para saber o nome das plantas.” (Raizeira 1).

“Comecei desde muito jovem (10 anos) com a necessidade de remédio e o pouco conhecimento de farmácia que a gente tinha. Aí a gente viu que nosso remédio tava ali, na natureza... eu tinha dor de cabeça muito forte e ensinaram um remédio com o pau piranha e imburana de cheiro. Daí não parei mais. Fui conhecendo as plantas aos poucos” (Raizeira 2).

No estudo de Souza, et al. (2016) verificou-se que a transmissão do conhecimento acerca do uso das plantas medicinais se dava a partir das famílias (38%), seguida da consulta a livros/internet (33,3%) e da experiência pessoal (28,5%). Referente à aquisição de conhecimento sobre o tratamento de feridas com plantas medicinais, os comerciantes raizeiros do estudo de Souza, et al., (2016) relataram que a aprendizagem provém de fontes variadas, sendo a forma tradicional ou familiar a mais comum (87,5%), como relatado pelos raizeiros e raizeiras. Nesse sentido, os raizeiros e raizeiras detêm em sua prática o saber popular, a partir

dos quais os múltiplos conhecimentos produzidos são obtidos por meio de observações (ARAÚJO, et al., 2014).

Os raizeiros e as raizeiras decidiram exercer os papéis de curadores a partir de um acontecimento extraordinário, como terem sobrevivido a uma grave doença, por exemplo (ATTUCH, 2006). Como no caso do Raizeiro 5 que passou a aceitar e compreender seu chamado divino após um acontecido em sua vida:

“Eu era triste, não tinha alegria nem nada... aí disse a meu pai “hoje é o último dia de vida que eu tenho” ... passou aquela crise que num sei o que e quando eu voltei tava todo pelado com um rosário no pescoço... aí eu olhei assim “oxente, e o que foi?” ...

A partir das experiências identificadas nas falas, foi possível perceber o que motivou a busca pelo uso das plantas medicinais. É apontado que um dos motivos era o difícil acesso aos serviços de saúde, desde a falta de profissionais e serviços de saúde nos territórios do campo, como a dificuldade de chegar aos serviços nas regiões urbanas, somado a isso, o preço dos medicamentos alopáticos (OLIVEIRA, 1985; GAIA, 2005) e o fato de não acreditarem no resultado destes medicamentos (COELHO, 2013; OLIVEIRA 2012; ALMEIDA, 2010). Além disso, a cultura que se vive nas comunidades, é outro grande motivo - e talvez o mais importante - pela busca por esse tipo de cuidado (Coelho, 2012; Oliveira 2012; Almeida, 2010). Esses fatores são evidenciados nas falas das raizeiras:

“Naquela época a gente tinha poucas condições financeiras. Meu pai era agricultor e o acesso as farmácias era difícil.” (Raizeira 1).

“A gente tinha necessidade de remédio e o pouco ou nenhum conhecimento da farmácia era motivo pra gente buscar nas plantas a cura pras doenças.” “Ia no médico. Passava um remedinho e não resolvia.” (Raizeira 2).

“...Porque você sabe, essa época aí, aqui há 20, 30 anos a gente nem tinha o dinheiro... se não fosse esses chás, as plantas medicinais as pessoas morriam.” (Raizeira 3).

Outro aspecto analisado diz respeito sobre como acontece a passagem dessa experiência para os aprendizes: “

Eu passo para minhas filhas. No início zombavam. Mas depois que curei as espinhas de uma das minhas filhas com o óleo de pequi, aí deram credibilidade e hoje querem aprender.” (Raizeira 1).

“Eu ensino para as pessoas de casa. Mas dizem que não sabem fazer. Aí eu digo que é só se dedicar. Hoje eu tenho um filho que coleta o barro, as plantas e faz alguns lambedores.” (Raizeira 2).

“Eu gosto de passar pras pessoas... agora deixa eu dizer o que eu sinto... é que muita gente não se liga... eu fico triste com isso. Eu não queria ficar com isso pra mim. Eu quero uma coisa para o povo.” (Raizeira 2)

Evidencia-se certa preocupação que traz as raizeiras no sentido da transmissão do conhecimento, visto que a maioria dos mais jovens, segundo eles, não se interessam por este aprendizado. Isto pode se dar pela desconfiança em relação à eficácia terapêutica das ervas (RICARDO, 2011).

Mesmo diante da falta de interesse de alguns jovens das famílias das raizeiras, algumas pessoas das comunidades buscam aprender esse saber, como indicação de tratamentos, remédios ou obtenção de conhecimento sobre as plantas (RICARDO, 2011) como identificado na fala da Raizeira 3:

“Tem muitas pessoas na comunidade que desejam aprender... mas são preguiçosas...”.

O uso de plantas medicinais para cura dos males

Durante os dois encontros, nas rodas de conversa os raizeiros e raizeiras descreveram quais as plantas são utilizadas em seu cotidiano assim como a indicação terapêutica que eles possuem. Com relação ao tratamento de doenças, salienta-se que, a partir das falas desses sujeitos, as plantas podem ser utilizadas tanto em situações agudas como as crônicas:

“Tem planta pra tudo nessa vida. Pra gripe, dor de coluna, dor de dente, dor de cabeça, diabetes, câncer...” (Raizeiro 12).

“Eu num achava que podia controlar meu açúcar no sangue não, mas controlei com o mororó. Hoje num tomo mais aqueles remédio de farmácia.” (Raizeira 11)

É interessante observar que as doenças para as quais são indicadas as plantas ou os preparados como lambedores e garrafadas, em sua maioria, são aquelas categorizadas segundo a nosologia da biomedicina, podendo ser verificado nas falas dos raizeiros e raizeiras. Isso ficou bastante evidente principalmente no II Encontro, onde foi dividido as doenças por sistemas orgânicos e indicadas quais plantas seriam mais eficazes.

Sobre a indicação da planta correta para certo problema, o raizeiro facilitador da roda sempre chamava atenção para quantidade de erva a ser utilizada, uma vez que dosagens

erradas podem prejudicar os usuários. “Ervas fortes” devem ser colocadas em menor quantidade. Como era evidenciado pelo Raizeiro 7 no uso da copaíba e do aveloz:

“Olhe, preste atenção, só pode 3 gotas de copaíba por dia, porque é muito forte... e o leite de aveloz é pra doença forte como o câncer, então também tem que ser pouquinho, duas gotas diluído em um litro d’água.”

Outro aspecto importante é que mesmo o uso das plantas na maior parte dos casos, tenha se dado devido a processos de adoecimento, houve alguns relatos do uso das plantas para a promoção da saúde:

“Para evitar problemas de saúde e se sentir mais disposta você deve comer uma banana e depois tomar seis copos d’água em jejum, assim que acordar” (Raizeira 14).

“Para evitar problemas no sistema reprodutor da mulher é bom espremer um limão em 1L de água e ir tomando durante o dia... é muito bom! Eu indico a qualquer pessoa” (Raizeiro 10)

Além disso, algumas práticas mostram outra finalidade para o uso das plantas, a de limpeza espiritual por exemplo, evidenciado na fala de dois raizeiros, um deles também é benzedeiro:

“A arruda também é muito boa pra limpar a aura, trazer as energias boas e livrar do mal olhado” (Raizeira 13).

“Mas essa garrafada né qualquer um que pode tomar não, primeiro tem que trazer uma peça de roupa dele aqui” (Raizeiro 5)

Diante do exposto apreendemos que o uso das plantas medicinais por raizeiros da caatinga é permeado de crenças, tradições, simbolismo e fé.

Cuidado com o uso de plantas: um ato permeado pela fé

A partir do material analisado, podemos considerar alguns aspectos que permeiam o modo como as plantas medicinais são tratadas pelos raizeiros e raizeiras, desde sua coleta, até seu preparo e indicação. Um aspecto identificado é a fé que deve estar presente no raizeiro para que a eficácia terapêutica seja garantida (RICARDO, 2011) como observado no relato:

“Apois eu disse a ela, se você não acreditar que isso vai lhe servir, isso não vai mermo não, se você achar que é brincadeira, não vai adiantar, você não vai ficar boa.” (Raizeiro 8).

“Eu só acredito porque Deus foi quem me deu aquele dom e é com ele [o dom] que tenho que fazer as coisas e é com ele [o dom] que vai curar as pessoas...”

(Raizeira 2)

Com relação a fé, na medicina popular é a “segurança de acreditar em algo, a confiança, mesmo que este algo não seja devidamente compreendido. Não é estritamente racional, mas também não é absurdo e abstrato. É fruto de observações e comprovações. É a partir daí que funciona a intuição” (ROCHA, 1985 p. 59), como também observado na fala:

“Olhe minha filha teve uma época que meu filho tinha uma asma braba aí passaram uma simpatia pra curar meu filho. Eu acreditei e fiz e ele ficou curado.” (Raizeira 2).

Diante dos relatos, foi possível identificar que a forma como se usa as plantas, como benefício para a saúde, apresenta um conteúdo simbólico, resultado da expectativa de quem vai ser curado e da satisfação de requisitos sociais e culturais tidos pelo grupo como importantes para reestabelecer a saúde. No caso das plantas medicinais, “sua eficácia pode ser resultante de um efeito farmacológico sobre a fisiologia do indivíduo, ou pode ser simbólica, agindo também sobre o indivíduo, mas no contexto específico de uma determinada cultura” (AMOROZO, 1996 p. 53).

O amor e a boa vontade com que o raizeiro prepara o remédio, colhe a planta medicinal também foi associado a eficácia da terapia (RICARDO, 2011). Além disso, o raizeiro deve estar bem consigo mesmo para que a cura seja alcançada como afirma ATTUCH (2006) “A força vital do fazedor de remédio parece ser transmitida para a solução elaborada, para então ser absorvida pelo enfermo”. Essas características podem ser identificadas na fala da Raizeira 3:

“Tem gente que tá aqui nesse trabalho das raízes, mas tá tomando remédio da medicina [se referindo aos alopáticos]... tá levando muitas vezes uma energia ruim pras pessoas...”

Outro aspecto atrelado ao cuidado por meio das plantas é a relação que existe entre os raizeiros e raizeiras com a natureza e como as características da natureza influenciam diretamente na maneira em como as plantas são tratadas:

“Agora tem uma coisa viu, só pode tirar a casca do lado que o sol se põe” (Raizeiro 10).

“Olhe, eu queria conhecer muitas árvores. Cada árvore eu saber qual era o procedimento dela... porque eu num posso fazer um remédio de uma árvore que eu num sei o quê que ela é... porque sem eu saber eu não faço. Porque eu tenho

assim, uma maior riqueza com a natureza... eu ando olhando pra cada pau e dizendo os nomes...” (Raizeira 2)

A relação de respeito e, de certo modo submissão, com a natureza está presente na medicina popular, sobretudo no meio rural. A relação tende a ser auxiliadora e harmoniosa. É importante que os rituais curativos se façam em sintonia com os fenômenos naturais, como as fases lunares, estações do ano e diferentes horas do dia (ROCHA, 1985).

Esses aspectos identificados no modo de fazer medicina popular por meio do uso das plantas medicinais por raizeiros da caatinga, além de ser uma forma de cuidado legítima, é também uma tradição cultural e que traz desdobramentos positivos a preservação da natureza.

Neste sentido, é importante a conservação do bioma da caatinga e a compreensão de como vivem os sertanejos do nordeste brasileiro, dependendo muitas vezes dos ricos recursos da flora vegetal para o cuidado à saúde, visto que uma das plantas muitas vezes citadas pelos raizeiros foi a aroeira, espécie em extinção (ROQUE, ROCHA e LOIOLA, 2010).

CONCLUSÃO

A medicina popular por meio do uso das plantas medicinais por raizeiras e raizeiros da caatinga do nordeste brasileiro é uma prática que se mantém firme, estando presente no cotidiano e na cultura das diversas comunidades do campo e urbanas.

A grande biodiversidade de flora presente no bioma caatinga, aliada à forte relação existente entre os raizeiros e raizeiras com a natureza, é um fator que auxilia na manutenção destas práticas, uma vez que se consideram agentes de proteção da natureza e as plantas medicinais são presentes divinos que lhes permitem cuidar da saúde sem causar “efeitos colaterais”.

Mesmo diante da procura da população por práticas de cuidado à saúde que levem em consideração a integralidade e subjetividade das pessoas, torna-se importante a conservação e preservação destes saberes, diante de algumas dificuldades encontradas, a despeito da falta de interesse dos mais jovens em estar perpetuando estas práticas como agentes de cura e até mesmo a desvalorização ou o não reconhecimento da biomedicina por estas práticas populares de saúde.

É necessário que haja mais projetos como o do Saberes e Práticas da Caatinga para que se possa fomentar a troca de experiência entre os diversos saberes e práticas presentes nesse território, assim como em outros biomas e culturas brasileiras, pois cada vez mais torna-

se urgente o cuidado integral do ser humano e a valorização das práticas de cura popular poder ser um caminho a ser percorrido.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Diádiney Helena. O reconhecimento dos curadores populares e a construção de uma identidade médica no Brasil oitocentista. **Ciencias Sociales y Educación**, Medellín, v. 4, n. 8, p.141-154, 2015.

ALMEIDA, Diádiney Helena. “**Hegemonia e contra-hegemonia nas artes de curar oitocentistas brasileiras**”. 2010. 149f. Dissertação (Mestre em História das Ciências e da Saúde) - Fiocruz, Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde, Rio de Janeiro.

ALMEIDA, Cecília de Fátima CBR. et al. Medicinal plants popularly used in the Xingó region - a semi-arid location in Northeastern Brazil. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, Grã-Bretanha, v. 2, n.15, p. 1-9, 2006.

ALVES, Hayala Katarine Dias Ribeiro; CAES, André Luiz. Conhecimentos e práticas do uso de plantas medicinais com abordagem etnobotânica, no município de morrinhos-goiaás: estudo de caso. **XXVIII Simpósio Nacional de História**, Florianópolis, 2015.

AMOROZO, M.C.M. A abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais. In: Di Stasi, L.C. (Org). **Plantas medicinais: arte e ciência: um guia de estudo interdisciplinar**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996. p. 47-68.

ARAÚJO, Cristina Ruan Ferreira de, et al. Raizeiros e raizeiras enquanto multiplicadores do conhecimento popular: um resgate na literatura. **Revista saúde e ciência Online**, v.3 n.1, p. 35-43, 2014.

ATTUCH, Iara Monteiro. “**Conhecimentos tradicionais do Cerrado: sobre a memória de Dona Flor, raizeira e parteira**”. 2006. 147f. Tese (Mestrado em Antropologia Social) - UnB, Programa de pós-graduação em antropologia social, Brasília, Distrito Federal.

BAPTISTEL, A.C., et al. Plantas medicinais utilizadas na Comunidade Santo Antônio, Currais, Sul do Piauí: um enfoque etnobotânico. **Rev. Bras. Pl. Med.**, Campinas, v.16, n.2, supl. I, p.406-425, 2014.

CAMARGO, Maria Thereza Lemos de Arruda. 2011 *A garrafada* na medicina popular: uma revisão historiográfica. **Dominguezia**, v.27, n.1, 2011.

CARVALHO, Antônio Carlos Duarte. **Feiticeiros, burlões e mistificadores Criminalidade e mudanças nas práticas populares de saúde em São Paulo – 1950 a 1980**. São Paulo: Ed. Unesp, 2003.

CIMBLERIS A. **Utilização de plantas medicinais no assentamento Ho Chi Minh (MG), do MST: pesquisa-ação**. 2007. Dissertação. (Mestrado em Farmacologia) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais.

COELHO, Ricardo Ribeiro. **“O universo social das artes de curar: um estudo sobre as medicinas e a saúde na cidade de Mariana (século XVIII)”**. 2013. 160f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - Fiocruz, Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde, Rio de Janeiro.

COSTA, J.C. e MARINHO, M.G.V. Etnobotânica de plantas medicinais em duas comunidades do município de Picuí, Paraíba, Brasil. **Rev. Bras. Pl. Med.**, Campinas, v.18, n.1, p.125-134, 2016.

CUNHA, Rodrigo Rocha da. **“Entre moléstias e feitiços o cotidiano e a repressão religiosa contra os curandeiros na capitania do Grão-Pará (1750-1800)”**. 2013. 108 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - Fiocruz. Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde, Rio de Janeiro.

GAIA, M.C.M. “Saúde como prática da liberdade: as práticas de famílias em um acampamento do MST e o desenvolvimento de estratégias de educação popular em saúde”. 2005. 179f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde) - Centro de Pesquisa René Rachou – Fiocruz, Belo Horizonte, Minas Gerais.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2009. 175 p.

GURGEL, Geraldo. **As belezas e encantos da Chapada do Araripe**. 2017. Ministério do Turismo. Disponível em: <<http://www.turismo.gov.br/ultimas-noticias/7809-as-belezas-e-encantos-da-chapada-do-araripe.html>>. Acesso em: 20 abril 2018.

GUTIERREZ, Deliene Fracete. **“Plantas medicinais cultura e saúde nos quintais rurais do vale do Mucuri”**. 2015. 82 f. Dissertação (Mestrado profissional) - Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. Programa de Pós-Graduação Saúde, Sociedade e Ambiente, Diamantina, Minas Gerais.

LOYOLA, Maria Andréa. **Médicos e curandeiros Conflito Social e Saúde**. São Paulo: Ed. Difusão Editorial S.A., 1984.

MARINHO, M.G.V.; SILVA, C.C. e ANDRADE, L. H. C. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais em área de caatinga no município de São José de Espinharas, Paraíba, **Rev. Bras. Pl. Med.**, Botucatu, v.13, n.2, p. 170-182, 2011.

NASCIMENTO, Maria Willianne Alves do. et al. Indicações de plantas medicinais realizadas por raizeiros para tratamento de feridas. **Rev. Eletr. Enf**, v.18, p.1-11, 2016.

OLIVEIRA, Elda Rizzo. **O que é medicina popular**. São Paulo: Ed Brasiliense S.A., 1985.

OLIVEIRA, Thaís Fonseca Veloso. “Aprendendo o uso das ervas: a trajetória de terapeutas populares”. 2012. Dissertação (Mestrado em saúde Coletiva) - UERJ, Instituto de Medicina Social, Rio de Janeiro.

RICARDO, Letícia Mendes. **“O uso de plantas medicinais na medicina popular praticada em assentamentos do MST do estado do Rio de Janeiro: uma contribuição para o SUS”**. 2011. 192f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde) - Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, Rio de Janeiro.

REIS, Gabriela Santana. **Levantamento do uso de plantas medicinais por agricultores de municípios de Sergipe**. 2018. 52f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Farmácia) - Universidade Federal de Sergipe, Lagarto, Sergipe.

ROCHA, J.M. **Como se faz medicina popular**. Petrópolis: Vozes; 1985

ROQUE, A. A.; ROCHA, R. M. e LOIOLA, M. I. B. Uso e diversidade de plantas medicinais da Caatinga na comunidade rural de Laginhas, município de Caicó, Rio Grande do Norte (nordeste do Brasil). **Rev. Bras. Pl. Med.**, Botucatu, v.12, n.1, p.31-42, 2010.

SALES, M. D. C.; SARTOR, E. B. e GENTILLI, R. M. L. Etnobotânica e etnofarmacologia: medicina tradicional e bioprospecção de fitoterápicos. **Revista Salus Journal Health Sciences**, Santa Luzia, Vitória, Espírito Santo, v. 1, n. 1, p. 17 - 26, 2015.

SILVA, T. S. e FREIRE, E. M. X. Abordagem etnobotânica sobre plantas medicinais citadas por populações do entorno de uma unidade de conservação da caatinga do Rio Grande do Norte, Brasil. **Rev. Bras. Pl. Med.**, Botucatu, v.12, n.4, p.427-435, 2010.

SILVA, C.G. et al. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais em área de Caatinga na comunidade do Sítio Nazaré, município de Milagres, Ceará, Brasil. **Rev. Bras. Pl. Med.**, Campinas, v.17, n.1, p.133-142, 2015.

SILVA, M. D. P.; MARINI, F. S. e MELO, R. S. Levantamento de plantas medicinais cultivadas no município de Solânea, agreste paraibano: reconhecimento e valorização do saber tradicional. **Rev. Bras. Pl. Med.**, Campinas, v.17, n.4, supl. II, p.881-890, 2015.

SOUZA, Diogo Rodrigues; RODRIGUES, Elaine Cristina Araújo Medeiros de Souza. Plantas medicinais: indicação de raizeiros para o tratamento de feridas. **Rev Bras Promoção Saúde**, Fortaleza, v. 29, n. 2, pag. 197-203, abr./jun., 2016.

SOUZA, Gleicy Fátima Medeiros de et al. Plantas medicinais x raizeiros: uso na odontologia. **Rev. Cir. Traumatol. Buco-Maxilo-Fac**. Camaragibe v. 16, n. 3, p. 21-29, jul./set. 2016.

ZANK, s., et al. Local health practices and the knowledge of medicinal plants in a Brazilian semi-arid region: environmental benefits to human health. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 11, n. 11, p. 1-13, 2015.

ZANK, S. e HANAZAKI, N. The coexistence of traditional medicine and biomedicine: A study with local health experts in two Brazilian regions, **PLoS ONE**, v.12, n.4, p. 1-17, 2017.

Anexo 1

Quadro 1 – Plantas medicinais, parte da planta usada, apresentação, indicação e modo de preparo.

Nome Popular da Planta	Parte da planta	Apresentação	Indicação	Modo de uso
Pau-gonçalo	Raiz ou casca	-	Tuberculose, gripe, pneumonia, dor no corpo	Tomar o chá por 8 dias
Bálsamo (árvore grande)	-	Chá	Gripe, dor no corpo	Tomar o chá por 8 dias
	-	Pomada	Pancada, ferimento	-
	Casca		Picada de abelha e má digestão	Mastiga a casca e engole
Malva do reino / Malvarisco	Folha	Lambedor	Infecção urinária, inflamação (no útero e no ovário), gripe, gastrite, calmante/expectorante para doenças pulmonares, cicatrizante, dores no corpo	Lambedor: 3 ou 4 colheres de sopa por dia
		Lambedor	Doenças respiratórias, gripe, infecção	-
		Sumo da malva	Infecção urinária	-
	-	Colírio	Feridas	Para feridas: passar a erva macerada nas feridas
	-	Colírio	Catarata	Usar 3x ao dia
Jatobá	-	-	Expectorante	-
	-	-	Tuberculose, anemia, dor nos ossos, artroses, artrite	-
	Casca		Anemia	-
	-	Polpa	Artrose e artrites	-
	-	Garrafada	Sangramento	Usar por 30 dias
Pequi	-	Óleo (anestésico)	Nódulo na mama	Massagear no local do nódulo 4x ao dia
			Osteoporose	Uma colher de sopa por dia em jejum
			Tuberculose	Ingerir o óleo
Barriguda ou Paineira	-	Garrafada	Cálculo renal (casca de molho. Tomar essa água), problemas na próstata, apendicite,	Tomar a garrafada

			problemas na coluna, disenteria, azia, gastrite (tomar de molho), infecção vaginal, insônia, calmante	
Copaíba ou Pau d'óia	Casca	Chá da casca ou óleo	Dor no corpo, garganta, câncer de próstata, úlcera no estômago, problemas renais e no sistema nervoso, anti-inflamatório, anestésico, antiviral, contra infecções, uso em feridas, ↑ imunidade	Ingestão ou uso tópico do óleo. Chá da casca
Mororó ou pata de vaca	-	Lambedor	Infecção respiratória	Tomar o lambedor
	-	-	Diabetes	Tomar 20 gotas depois da refeição 3x ao dia
	-	Chá	Infecção urinária	Tomar o chá 2x ao dia
Mororó ou pata de vaca	-	-	Cálculo renal	Tomar o chá
Macela		Chá	Sinusite, depressão	Sinusite: "chupa" o chá pelo nariz
			Má digestão, dor no estômago	Tomar o chá
Xambá	Folha	Lambedor	Expectorante	-
Romã	-	Lambedor	Expectorante	-
	Casca	-	Feridas e inflamação	-
	-	Suco da romã	Tumor cancerígenos	-
Caninana	-	Chá	Dor na coluna	Após os 3 dias de curtido, tomar 3x ao dia a quantidade de 2 dedos. Quando aliviar a dor, parar de tomar
			Mordida de cobra	Cipó da caninana + araticum. Raspa a raiz, mistura, coa e toma com água fria (infusão)
		-	Garrafada	Artrite
Barbatimão	Casca	Tintura	Antiinflamatório, cicatrizante, para feridas. Bochecho para	Fazer banho de assento para corrimento com a

			gingivite. Banho de assento para corrimento vaginal	tintura + álcool de cereais (rabugem)
Coco babaçú	-	-	Alimentício, cicatrizante, digestivo e antitumoral	-
Quina-quina	Casca	Banho ou chá da casca (cozimento da casca para inalação)	Gripe, problemas respiratórios, sinusite, intestino, rins, fígado, anti-inflamatório, febre, dores de cabeça	Dor no corpo: Tomar o chá todos os dias
Quebra faca	-	Chá (café)	Dor no estômago, ferimento, dor de dente, gripe, dor nas costas, cólicas, hemorragia	-
Jericó	-	Chá	Dor no estômago e diarreia, depurativo do sangue, rejuvenescedor, problemas cardíacos, dor de dente de criança, urina estagnada	Tomar depois que passou o tempo do molho
Faixero	Folha	Chá	Dor de dente, asma	Fazer o chá e tomar banho.
Embiratanha	Casca	Garrafada da casca	Reumatismo, dor nos ossos, rins, bexiga e próstata	Tomar 2x por dia
Imburana de cambão/vermelha	-	Chá	Inflamação no útero e ovário, bronquite, asma, sinusite (fazer banho de vapor), gastrite. Cicatrizante (pó da casca)	Asma (tomar por 30 dias em jejum)
Jurema preta	Casca	Banho da casca ou chá	Dor de dente, anti-inflamatório, bom para feridas, antibiótico, labirintite, hemorróidas, infecção intestinal. Afrodisíaca	-
Catingueira rasteira	-	Garrafada e chá	Dores na coluna, reumatismo, gripe, problemas neurológicos, combate sintomas da chikungunya, tosse, disenteria, hemorragia. Afrodisíaca. Ativa circulação. Energética	-

Pau pereira branco	Casca	Banho da casca	Contra pulga, piolho de cachorro, dores na barriga, disenteria, abortivo, contra prurido	-
Marmeleiro branco	-	Chá	disenteria, dores no intestino, câimbra, dores no estômago, náusea.	Disenteria, náusea e dores no estômago: Duas folhas de marmeleiro, mastiga e engole
Baraúna	Flor	Óleo da flor	Dores na coluna, reumatismo, ferimentos, febre, câimbra	-
Aroeira	Casca	Chá	Antiinflamatório e cicatrizante, disfunções uterinas, ferimentos, dores pélvicas, infecções.	Chá da casca, banho de assento e sabonete
Jiquirí	-	Chá	Depressão, problema nos ossos, reumatismo, problemas renais, fígado, enxaqueca (chá 2x ao dia)	-
Semente de sucupira	Raiz		Barriga inchada, para limpar o intestino	-
Jenipapo	Madeira ou folha	-	Quebra de osso ou pancada	Raspa da madeira ou pisa a folha e coloca no osso quebrado
Mangaba	-	-	Pneumonia	Leite: Tomar 50ml 3x/dia
Batata de purga	Raiz	-	Hemorroidas, prisão de ventre, mal-estar	Tomar 1 copo por dia e logo após tomar um banho. Não pode sair de casa durante 3 dias
Alcaçuz	-	-	Gripe, bronquite, dor na garganta	-
Cordão de são francisco	-	Chá e tintura	Sistema respiratório: tosse, gripe. Infecção no sistema digestivo; Coluna; Dor nas articulações; Anemia	-
Moringa	Semente	Contém vitamina C, minerais e proteínas	-	Para alimentação pode colocar as folhas no arroz integral, no feijão. A vagem

				e as raízes da moringa também são comestíveis
--	--	--	--	---

*Os traços (-) presentes no Quadro 1 referem-se à informação não captada pois não falada pelos raizeiros e raizeiras.

Anexo 2

Quadro 2 – Sistemas orgânicos e plantas indicadas.

SISTEMAS	PLANTAS INDICADAS (n° de vezes citadas nos preparos: chás, lambedores, garrafadas, tinturas)
<i>Sistema Gastrointestinal</i>	
Fígado	Macela (7); Casca de laranja (5); Boldo (4); Quebra faca (4);
Vesícula	Limão (1); Caruá (1); Cana do brejo (canarana) (1); Mari (1)
Baço	Alecrim do reino (1); Alecrim da folha pequena (1); Arruda (1); Manjerição (1); Cordão de são francisco (1); Bálsamo (1); Malva 7 dores (1); Artemísia (1); Lorna (1); Dente de leão (1); Bolsa de pastor (1); Picão (1); Carrapicho de agulha (1); Jurubeba (1)
Intestino	Macela (4); Casca de laranja (2); Batata de purga (1); Chá preto (1); Imbiriba (1); Erva babosa (1); Hortelã miúda (1); Papaconha (1); Angico manso (1); Palma (1); Mamona (1); Cansação (1); Mastruz (1); Semente de jerimum
Hemorroidas	Faveira (1); Melão de são caetano (1); Catingueira rasteira (1); Mandacaru (1); Boldo estomalina (1); Couve manteiga (1)
Estômago	Macela (2); Erva babosa (2); Urucum (1); Imburana de cheiro (1); Óleo de copaíba (1); Lobeira (jurubeba grande) (1); Quebra faca (1); Casca de laranja (1); Imbiibe (1); Sacatinga (jurubeba) (1); Aroeira; Pau ferro (jucá) (1); Hortelã graúda (1); Aroeira branca (1); Espinheira santa (1); Mastruz (1); Alfavaca (1); Sucupira (1)
<i>Sistema Respiratório</i>	PLANTAS INDICADAS (n° de vezes citadas nos preparos: chás, lambedores, garrafadas, tinturas)
Gripe	Eucalipto (3); Papaconha (2); Cebola branca (2); Mussambê (2); Hortelã (2)
Pneumonia/Tuberculose	Jatobá (1); Camará (1); Malva branca (1); Erva cidreira (1); Mastruz (1); Mangará (1); Maracujá (1)
Asma	Zabumba (1); Imburana vermelha (de cambão) (1)
Sinusite/Rinite	Eucalipto (4); Alfavaca (2); Copaíba (1); Óleo de anjico (1); Óleo de alecrim (1); Andiroba (1); Limão galego (1); Imburana de cheiro (1); Folha da laranja (1); Quebra faca; Quina quina (1)
Bronquite	Coco verde (1); Mamão verde (1); Crista de galo (1); Mussambê (2); Imburana (2); Carro santo (1); Crista de galo (2); Erva babosa (1); Jatobá (1)
<i>Sistema Nervoso</i>	PLANTAS INDICADAS (n° de vezes citadas nos preparos: chás, lambedores, garrafadas, tinturas)
Depressão	Mulungu (2); Visgueiro (1); Endro (1); Camomila (1);
Insônia	Folha de laranja (2); Erva doce (2); Endro (2); Maracujá do

	mato (1) Erva cidreira (1); Capim santo (1); Mulungu (1); Caroco de girassol (1); Embiratanha (1); Camomila (1)
Ansiedade	Manjeriço (1); Erva cidreira (1); Folha de laranja (1); Colônia (1); Camomila (1)
Alzheimer	Endro (1); Semente de açafrão (1); Maracujá do mato (1)
Sistema Ósseo	PLANTAS INDICADAS (n° de vezes citadas nos preparos: chás, lambedores, garrafadas, tinturas)
Artrose	Macaúba (1); Bom nome (1); Maria preta (1); Chá da candeia (canela de velho) (1); Bunina (1); Caninana (1); Velame (1)
Reumatismo	Caninana (2); Bom nome (1); Jatobá (1); Tipi guiné (atipim) (1); Sassafrás (1); Japocanga (1); Araticum (1); Velame (1); Favela (1); Sucupira (1); Angico (1); Erva babosa (1); Eucalipto (1); Tipi (amansa senhor) (1); Unha de gato (1); Nogueira (1); Catolé (1); Pitombeira (1); Pequi (1)
Gota	Bunina (1); Cana do brejo (1); Cavalinha (1); Alfavaca (1); Linhaça (1)
Bursite	Toré (1); Pequi (1); Moringa (1); Limão galego (1)
Coluna	Pequi (1); Cipó de vaqueiro (1); Sucupira (1); Anador (1)
Esporão	Bunina (1); Caninana (1); Velame (1); Macaúba (1); Alho (1)
Osteoporose	Amora (1); Macaúba (1); Jatobá (1); Pequi (1); Água do quiabo (1)
Fibromialgia	Jurubeba grande (lobeira) (1); Melão de são caetano (1); Oliveira (1); Pata de vaca (mororó) (1); Água do quiabo (1); Maxixe (1); Pau ferro (1); Graviola (1); Folha da manga (1); Suco do noni (1); Moringa (1)
Sistema reprodutor	Coroa de frade (1); Garrafada com 9 ervas: ameixa + malícia + velame + jericó + xanana + embiratanha + batata de tiu + batata de purga + macela.
Tireoide	Alga marinha (kombucha) (1); Cipó jarrinha (mil homens) (1); Jurema preta (1); Garrafada: batata pega pinto + catolé + pajeú + jenipapinho + pata de vaca + jatobá + agrião + mel de abelha
Outras doenças	PLANTAS INDICADAS (n° de vezes citadas nos preparos: chás, lambedores, garrafadas, tinturas)
Diabetes	Alho (1); Arruda (1); Mangaba (1); Sumo do chuchu (1)
Zumbido no ouvido decorrente de trauma ou ouvido entupido	Alento + copaíba
Pancada na cabeça	Alecrim + hortelã + nós moscada + cravo do reino
Deficiência de filtração pelos rins	Maracujá de capoeira (1); Mororó + castanhola + vassourinha
Leishmaniose	Jurema preta
Dor de dente	Mulungu
Câncer	Velame (2); Batata de purga (1). Aveloz (1); Janaúba (1); Janaguba (1); Cipó de macaco (cipó de catuaba) (1); Catuaba mansa